

Celebração da maturidade artística

Terno Rei apresenta no Circo Voador as cações de seu quinto álbum

Por Affonso Nunes

A trajetória de uma década da Terno Rei ganha novo capítulo com o lançamento de “Nenhuma Estrela”, quinto álbum da banda paulistana que se apresenta no Circo Voador neste sábado (21). O show, que marca mais um momento de consolidação do grupo na cena alternativa nacional, terá abertura da paraense Jovens Ateus, em sua estreia no palco sob as lonas da Lapa.

Desde a formação do quarteto composto por Ale Sater na



Fernando Mendes/Divulgação

Terno Rei:
trio paulista
é referência
da cena
independente
brasileira

voz e baixo, Bruno Paschoal e Greg Maya nas guitarras, e Luis Cardoso na bateria, a Terno Rei construiu uma identidade sonora

singular que dialoga com referências do dream pop, pós-punk e rock alternativo. Essa fusão de gêneros, temperada por letras con-

fissionais, situam a banda como uma das principais representantes da música independente brasileira contemporânea.

O novo trabalho surge como resultado de um processo criativo amadurecido, evidenciado pela parceria com o produtor Gustavo Schirmer, colaborador de longa data do grupo, e pela mixagem assinada pelo francês Nicolas Vernhes, profissional reconhecido internacionalmente por trabalhos com artistas como The War on Drugs e Deerhunter. Essa combinação reflete a própria evolução da banda, que mantém suas raízes brasileiras enquanto dialoga com sonoridades globais.

As treze faixas inéditas de “Nenhuma Estrela” revelam um equilíbrio refinado entre elementos românticos e influências que remetem às décadas de 1980 e 1990, período de efervescência do rock

alternativo mundial. A melancolia característica do grupo permanece como fio condutor, mas agora apresenta-se com maior sofisticação composicional e arranjos mais elaborados, demonstrando o crescimento técnico e artístico conquistado ao longo dos anos.

A discografia da Terno Rei, iniciada com “Vigília” em 2014, passou por marcos importantes como “Essa Noite Bateu Como Um Sonho” (2016), “Violeta” (2019) e “Gêmeos” (2022), cada um representando diferentes fases de experimentação e consolidação estética. O álbum atual surge como síntese dessa jornada, apresentando uma banda confiante em sua linguagem musical e capaz de renovar-se sem perder sua essência.

SERVIÇO

TERNO REI - NENHUMA ESTRELA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)

21/6, a partir das 20h

(abertura dos portões)

Ingressos entre R\$ 180 e R\$ 90 (meia) e R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

CRÍTICA / DISCO / ETERNO TALVEZ

Eternas certezas

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de “Eterno Talvez”, o novo álbum da atriz e cantora Marya Bravo. Como fiquei sabendo pelo release de Alexandre Matias, muito bem escrito, por sinal, “Eterno Talvez” é um disco de trip hop (confesso que nunca ouvira falar sobre esta vertente musical).

Marya, que é filha de Zé Rodrix e Lizzie Bravo, volta à música ao lado dos parceiros Nobru e Dony Von. O trabalho reuniu canções dela com seus parceiros, além de uma só sua e outra inédita de Zé Rodrix, “Faca no Peito”, encontrada a partir do contato com a irmã, a também cantora e compositora Barbara Rodrix.

“Eterno Talvez” (Marya e Dony): a intro vem impregnada

de suspense, como que antecipando a atmosfera que traduzirá, daí em diante, o que a música de Marya Bravo significa para ela ao sentir, criar e cantar. E que, num breve intermezzo, serve como respiro para que o ouvinte encontre ali o que vai pela alma de Marya.

“À Deriva” (Marya e Dony e Nobru): a voz dilacera a sonoridade que a acompanha, enquanto os versos explodem entre sons buliçosos e plenos de proposital estranheza.

“Avisai” (Marya e Dony): A intro propala a musicalidade que emprenha o álbum. O espanto se espalha por entre a voz duplicada e o som atrevido da programação digital. A ousadia do canto de Marya suplanta o som inequívoco-



Divulgação

camente preparado para extrair de sua voz uma sedutora alegoria.

“Tudo Por Acaso” (Marya e Dony): o clima musical se ajusta aos versos. O amor, à prova de solidão, soa compartilhando o que precisa ser dito e está escrito.

“Quem É Que Vai” (Marya, Dony e Nobru): o som grave ressoa nas palavras que reverberam

nos aforismos de Marya.

“Braços Abriço” (Marya, Dony e Nobru): a voz chega num arranjo a incitar a imaginação do ouvinte, que se deixa levar ao sabor do cantar, numa sucessão de expectativas contemplativas.

“Ai Quem Dera” (Marya, Dony e Nobru): por meio de sonoridades eletrônicas, os versos assumem a vez de elevar a voz de Marya. Todos se revelando à vontade para levar à frente um ofício harmonioso e libertário.

“Faca No Peito” (Zé Rodrix): chega pela garganta da filha que tem o pai em si e a ele se achega, porque sabe do que precisa e o sente agasalhado em seu viver.

“Loucura Confirmando” (Marya): a introdução reaviva o

simbolismo que Marya deposita em nossos ouvidos. Ela e sua música vão juntas nesta caminhada rumo à consistência autoral.

“Vai Acontecer” (Marya e Nobru): rolando por entre delicadezas eletrônicas, prontas para encerrar o ciclo vital da música que criam, Marya, Nobru, Dony Von, Nayana e Zé Rodrix refletem o que a arte lhes diz ser fundamental.

Resta-me abrir os sentidos e proclamar a criação que acabo de compreender (acho). Ouça o álbum em <https://acesse.one/T5HsA>.

Ficha técnica: Nobru e Dony Von: produção; Pedro Garcia: mixagem; Nobru: masterização; produção executiva: Marya Bravo; Nobru, Pedro Garcia e Elton Bozza: gravação; capa e fotos: Léo Aversa.

*Vocalista do MPB4 e escritor